



QUANDO ALGUÉM SE TORNA AQUILO QUE É

Maria Helena de Melo Costa

Eu tenho antenas psicológicas nessa sensibilidade

Friedrich Nietzsche

Resumo

Em um mundo de valores líquidos – tema que fora pensado e bem desenvolvido por Zygmunt Bauman quando trata do conceito de modernidade líquida, e muito bem explicado por Leandro Karnal (em palestra do IV Encontro Institucional da Magistratura Trabalhista da 5ª Região), quando afirma em uma de suas belas palestras que é o mundo sem formas –, um mundo de transição e passageiro, onde não há certezas muito definidas, um mundo em que bem, mal, valores ou outras questões são muito mais plásticas do que eram no passado, como é bom saber que se ousarmos sair da Caverna de Platão veremos novas oportunidades. Além de vermos que todos os conhecimentos que conquistamos e agregaram conteúdo de valor à nossa vida ao longo dos anos podem ser valiosas ferramentas quando utilizados com humanidade em nosso favor, ou em favor das pessoas, instituições e empresas (conjuntos de pessoas), num ato de cocriação capaz de trazer à tona ou de reavivar o sentido de uma vida que vale a pena ser vivida, especialmente pela própria autotransformação existencial e pelo sentimento de que estamos verdadeiramente participando das modificações positivas que buscamos na sociedade e no mundo.

Para tanto, o Coaching, tal como esclarece José Roberto Marques, cujo entendimento compartilho, é um mix de recursos, técnicas, ferramentas e conhecimentos de várias ciências e filosofias, nas quais podemos nos apoiar para dar o nosso melhor (coach) em prol do nosso cliente (coachee), a fim de que este último alcance suas metas visando a conquista de grandes e efetivos resultados em qualquer contexto, seja pessoal, profissional, social, familiar, espiritual ou financeiro, em um curto espaço de tempo (Marques, 2015).

Neste aspecto, diante de todos os estudos obtidos e vivenciados, posso dizer que o Coaching é uma nova filosofia de vida e de autoconhecimento de fundamental importância na atualidade. Possui um universo de conhecimentos agregados e um conjunto de ferramentas que proporcionará verdadeiramente ao coachee os frutos almejados, desde que sejam utilizados com muita habilidade por profissionais devidamente habilitados e capacitados, apoiadas no ouvir o outro na essência, além das palavras que estão sendo ditas, suspendendo qualquer tipo de julgamento ou suposição (IBC, s/d), tanto em relação ao coachee quanto em relação à nós próprios, respeitando à singularidade de cada alma. Posso aqui dizer que o referido princípio dialoga com a Filosofia Clínica, no tocante à ética e a um dos tópicos da estrutura de pensamento, identificado como suspensão dos pré-juízos.

Quando estamos verdadeiramente imbuídos do amor genuíno fruto do despertar de nossa essência divina, honrando nossa própria história e dos que nos antecederam, bem assim tendo amor ao nosso próximo. Honrando sua história e levando nossa luz em prol



da luz que há em cada qual nos afiliamos à ética moral fundamental que deve nortear cada *case* de Coaching que estiver sob nossos cuidados, razão pela qual entendo que, neste contexto, reside toda a alma do Coaching e da filosofia clínica, aos quais buscarei aproximar neste artigo.

Palavras-chave: coaching; filosofia clínica; autotransformação.

Abstract

It is possible that all the knowledge we have acquired and which added valuable content to our lives over the years can be powerful tools when used with humanity on our behalf, or on behalf of people, institutions and companies (groups of people), in an act of co-creation able to bring to light or reawaken the sense of a life worth living, especially for its own existential self-transformation and for the feeling that we are truly taking part in the positive changes we seek in society and in the world.

To this end, Coaching, as explained by José Roberto Marques, whose understanding I share, is a mix of resources, techniques, tools and knowledge of various sciences and philosophies, which support us to give our best (coach) for the sake of our client (coachee), so that the latter reach his or her goals in order to achieve great and effective results in any context, whether it is personal, professional, social, family, spiritual or financial, in a short period of time (Marques, 2015).

In this regard, considering all the studies carried out and experienced, I can say that Coaching is a new philosophy of life and self-knowledge of key importance in present time. It offers a range of aggregated knowledge and a set of tools that will truly provide the coachee with the desired outcome, as long as they are properly used by skillful qualified professionals, who are able to listen to the other person in his or her essence, beyond the words spoken, suspending any kind of judgment or assumption (IBC, s/d), both regarding the coachee and ourselves, respecting the uniqueness of each soul. I can say here that this principle dialogues with Clinical Philosophy when it comes to ethics and one of the topics of the structure of thought, identified as a suspension of prejudice.

When we are truly pervaded with genuine love, consequence of the awakening of our divine essence, honoring our own history and of those who preceded us, as well as loving our neighbors, honoring their history and bringing our light for the sake of the light in each one of us, we connect to the fundamental moral ethics that should guide each Coaching case under our responsibility, which is why I understand that in this context lies the whole soul of Coaching and clinical philosophy, which I will try to approach in this article.

Keywords: coaching; clinical philosophy, self-transformation.

Da contribuição da Filosofia Clínica para o Coaching



Filosofia significa o amor/amizade pela sabedoria, e o filósofo é aquele que ama, que busca o conhecimento, não é um sábio, mas um buscador da sabedoria (José Gabriel Lima e Márcio Silva).

Diante do que dissemos, considerando que o Coaching é um mix de recursos buscados em várias ciências e filosofias, não poderia eu aqui deixar de trazer oportunamente a colaboração da Filosofia Clínica, cujo estudo em formato de pós-graduação, com especialização em terapia, tem em si um contributo significativo, possui alicerce em filósofos de todas as épocas para fundamentar sua própria arte.

Muitos não conhecem e me perguntam o que é a Filosofia Clínica, e aqui abro um pequeno parêntese para honrar primeiramente uma grande alma da natureza que passou pela minha vida, Buffy, um gatinho persa, um verdadeiro *Lord* que amávamos muito. Ele teve muitos problemas renais durante anos, e num belo dia quando o levei a um exame de ultrassom numa clínica de saúde e ciência animal de Campinas, tive a gratidão de receber das mãos do dono da clínica o convite para participar de um curso de Filosofia Clínica.

Foi ali que aceitei o chamado para um movimento diferente em minha vida. Brilhou meus olhos na hora e meu coração se encheu de alegria. De fato, foi o meu gatinho filósofo que me levou para a filosofia. E a partir daí todos os demais movimentos em torno da vontade por novos estudos e cursos como o Coaching começaram ganhar tanta velocidade que me trouxeram rapidamente até aqui.

Pois bem. O que é Filosofia Clínica?

Como o próprio nome sugere, trata-se da aplicação prática da filosofia, essa área de ciências humanas tão rica e vasta em conhecimento milenar do pensar, que questiona, por exemplo, o que é a vida para você? Será que é a história contada cronologicamente com detalhes mais ou menos bons? Ou será algo maior do que tudo isso? Somos servidores da vida ou queremos que ela nos sirva?

Vejamos que a atividade do pensar e buscar respostas para os problemas existenciais faz parte do ser humano. Tentar compreender a nós mesmos e a realidade que nos cerca faz parte do buscador/curioso. Saber quem somos, de onde viemos, para onde vamos, o que estamos fazendo aqui, saber qual é a explicação para os mais diversos acontecimentos, do simples ao complexo, pois variam ao longo do tempo e, neste sentido, compreender qual o sentido da vida. Tal pensamento está presente em todas as civilizações, desde o Oriente à Grécia antiga até os dias atuais, de forma menos ou mais elaborada.

O mais curioso é que em meio a tanta tecnologia nos afastamos de nossa essência, do nosso propósito e da nossa missão, daquilo que verdadeiramente traz sentido à alma, bem como da visão do nosso legado aos nossos familiares, amigos e quiçá ao mundo.

Buscamos fora, aquilo que está dentro de nós. Contudo, chega o tempo em que por meio de alguma uma força irresistível temos sede de fazer esse grande retorno, e que bom



sabermos que podemos fazê-lo na mesma existência, o caminho do autoconhecimento, ainda que inconscientemente, por curiosidade, por um impulso ou por meio de outros fatores que nos despertam a fazer algo diferente por nós mesmos, inicialmente.

Desta feita, trazendo a contribuição dos Professores Márcio e Gabriel, trago aqui a definição e a gênese da Filosofia Clínica, vejamos:

O que é Filosofia Clínica?

É uma prática que busca trazer a filosofia lecionada nas instituições de ensino superior para servir de instrumental ao trabalho com as questões da existência humana.

Na filosofia Clínica, tanto em sua metodologia quanto em sua fundamentação quanto em sua prática, não são utilizadas fórmulas prontas, visto que a constituição existencial da pessoa é plástica e singular.

(...) fundamenta-se em conceitos de filósofos como: Protágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Kant, Espinosa, Hume, Nietzsche, Schopenhauer, Gadamer, Cassirer, Wittgenstein, Foucault, Whitehead, Merleau-Ponty, Searle, entre outros.

Filosofia Clínica, inovação de considerável relevância no uso e na concepção da filosofia geral e, sobretudo na peculiaridade com a qual enfoca os indivíduos humanos. Passou a ser divulgada em meados da década de 1990 e vem conquistando um crescente número de adeptos e praticantes em diversas cidades do Brasil e inicia sua expansão em outros países. A Filosofia Clínica não é voltada só para filósofos, mas também destina-se a profissionais e estudiosos de outras áreas como saúde, educação e humanidades em geral.

Um dos elementos distintivos da Filosofia Clínica é o seu caráter prático-aplicativo. O exercício especulativo ganha pouco espaço se comparado ao uso prático adaptado de metodologias e conceitos oriundos de diversos pensadores e correntes filosóficas sempre destinados ao serviço de uma prática terapêutica e educativa. A resultante dessa composição tão diversificada que caracteriza a Filosofia Clínica está na vanguarda de nosso tempo histórico, destacadamente no que se refere à sensibilidade com que procura lidar com as pessoas. Nela cada indivíduo é concebido por uma perspectiva única desde sua comunicação até os elementos mais densos e abrangentes da existência. É a busca do autêntico respeito, de uma verdadeira alteridade, por uma efetiva deferência ao outro. Desconsidera, portanto, rótulos preestabelecidos acerca do indivíduo.

Ao observar a constituição e os potenciais da Filosofia Clínica assentados em seus princípios éticos e humanísticos como norteadores do árduo trabalho que é desbravar este mundo, pode-se vislumbrar um devir colorido por tons tão avançados que os nossos prismas contemporâneos não estão habituados a registrar. Inéditas



configurações intelectivas e enfoques mais lúcidos estão sendo edificados por essa nova arquitetura filosófica.

Gênese da Filosofia Clínica

Ao buscar a origem da filosofia clínica no Brasil, chegamos a Lúcio Packter, médico de formação e filósofo por propósito de vida. Graças à sua missão temos acesso à terapia em Filosofia Clínica.

Segundo os Professores Márcio e Gabriel “tudo se inicia a partir do incômodo de Lúcio com o sofrimento das pessoas diante das limitações causadas por tantas questões encontradas na área hospitalar. Constatou que muitos destes problemas eram de ordem existencial e não médica”, *in verbis*:

Assim, sua busca o levou, na década de 1980, a conhecer várias formas de terapias, entre elas, a filosofia prática, um movimento europeu que visava levar a reflexão filosófica às questões existenciais. Retornando ao Brasil, retomou suas pesquisas utilizando-se de uma espécie de anamnese, conforme aprendera na área médica. No entanto esse procedimento o levou a identificar questões comuns, independente dos contextos culturais dos quais as pessoas eram oriundas. Fosse na colônia de pescadores de Santa Catarina ou com os moradores de Londres. Acreditou, por um instante, ter quais seriam as questões fundamentais da humanidade. A leitura de alguns autores e principalmente Gadamer, provocou a revisão de seu processo de anamnese. Constatou que anteriormente fazia questionamentos a partir de juízos a priori. Apesar dessa revisão permanecia a questão: Como coletar dados da pessoa de modo a não direcionar (agendar) o atendimento? O procedimento encontrado por Packter para solucionar essa questão foi o que ele veio a denominar historicidade. (Lima e Silva, 2015)

Desta forma, em síntese, os componentes de um trabalho em filosofia clínica (prática terapêutica), melhor aprofundados nos estudos do curso, constitui-se da coleta da historicidade, com a análise dos dados categoriais, com a identificação dos tópicos da estrutura de pensamento (EP) e aplicação dos submodos.

Pois bem. A Filosofia Clínica permite que o coach tenha uma visão ampliada e sistêmica ante a constituição plástica e singular das pessoas.

Da contribuição do Coaching para a Filosofia Clínica

Coaching, para mim, nesta fase de mudança de ciclo pela qual passa o planeta nas mais variadas esferas, tanto física, ética, moral, política, econômica, ecológica, espiritual,



é um pedacinho do amor de Deus na Terra, para realização de um mundo melhor.

Há no Coaching um intrínseco valor de humanidade, especialmente porque em sua estrutura de ensino não há muros dogmáticos, pois dialoga livremente com o que temos de melhor nas mais variadas ciências e filosofias, tal como a Filosofia Clínica, aqui abordada. Além disso, nas sessões segue-se o que tão sabiamente lecionou Carl Gustav Jung, “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas, ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”. Desta forma, quando se coloca o coração e o amor, e se disponibiliza verdadeiramente a ajudar e a apoiar o outro, verifica-se no processo de Coaching a vivência da arte em cocriar.

Diante de sua amplitude de acolhimento, podemos citar como mera degustação a filosofia, psicologia positiva, psicologia eriksoniana, neurofisiologia da aprendizagem, neolinguística, física quântica, além de áreas ligadas ao empreendedorismo, administração, gestão de pessoas e muito mais.

Segundo palavras do Professor João de Fernandes Teixeira (2014), estamos invertendo muitas previsões, hoje em dia a ciência bate às portas da metafísica. Tudo se passa como se as ciências que derivaram da filosofia (a física nos séculos XVII, a biologia no século XIX e a psicologia no século XX) estivessem agora retornando às suas raízes filosóficas.

O coach, tal qual o filósofo, é um grande curioso, é aquele que não se cansa de estudar e buscar sabedoria, ou seja, é aquele que busca aprender a dar às coisas o valor que elas têm, e trilhando seu caminho resgata a honra pela sua própria história e avança nos níveis da pirâmide evolutiva (Marques, 2015).

Tudo aquilo que outrora constituíam conhecimentos em departamentos de nossa mente, como se estivessem em uma biblioteca sem o link de busca rápida por assunto em todo o acervo, se tornam peças integrantes e muito bem equacionadas, como uma matemática perfeita da malha intelectual, cujo resultado é a alta performance de pessoas e profissionais.

Um retrato das estruturas do pensamento num movimento de cocriação

A estrutura de pensamento (EP) ou estrutura existencial de uma pessoa, é a forma como ela se constituiu ao se e para se relacionar com o mundo - como eu sou? É o modo como a pessoa está existencialmente no ambiente. (José Gabriel Lima e Márcio Silva)

Sem a pretensão de esgotar, neste artigo, as várias nuances trazidas pelo filme que iremos tratar, o que merece um estudo à parte, vamos traçar alguns pontos importantes de diálogo entre Filosofia Clínica e Coaching.

Trago, por oportuno à colação deste artigo, a indicação de um dos melhores filmes que assisti neste ano de 2017, *Quando Nietzsche Chorou* – obra baseada no livro homônimo de autoria de Irvin Yalon, seu romance de estreia, muito rico em detalhes, em



que podemos ver o retrato de como os personagens se relacionam com o mundo (estruturas de pensamento).

Trata-se de um filme de época, um romance que envolve alguns personagens históricos, numa mescla entre ficção e realidade.

À título de curiosidade, Josef Breuer (1842-1925), médico e fisiologista vienense, foi um grande precursor da psicanálise e mentor de Sigmund Freud, amigo pessoal que exerceu uma função quase paternal em sua vida (Wikipedia). Segundo consta do *Dicionário dos Filósofos* (Huisman, 2001), Nietzsche (1844-1900) nasceu em Röcken, perto de Lützen, na Saxônia prussiana, foi professor de filologia clássica na Universidade de Basileia. Em 1882, fracassou um projeto de casamento com uma jovem e sua brilhante admiradora, Lou Salomé, que mais tarde escreveria o primeiro livro sobre a sua filosofia (Boscatto, 2014).

Pois bem. O filme em questão retrata por similaridade um *case* de “oficina prática” (pró-bônus), por mim realizado com uma coachee, finalizado com êxito, razão pela qual evidencio o caráter altamente pedagógico do referido filme, eis que nele podemos fazer várias leituras, de acordo com o olhar de mundo e a natureza do propósito buscado.

No caso da Filosofia Clínica, quando na estrutura de pensamento ou sistema representacional do partilhante¹ há o gosto por filmes, por exemplo, pode-se fazer essa indicação como tarefa entre as sessões, no caso, entramos num submodo² da Filosofia Clínica chamado informação dirigida.³

O filme em questão mostra, desde logo, que o primeiro passo para se iniciar o trabalho de levantamento das razões mediatas e imediatas (próximas e subjetivas) que trouxeram a pessoa à Filosofia Clínica ou ao Coaching, e com isso estabelecer a conexão entre as partes envolvidas coach e o coachee, é a sua historicidade. Vemos essa coleta de dados (historicidade) desde o primeiro encontro com a misteriosa Lou Salomé.

Um segundo ponto de diálogo entre a Filosofia Clínica e o Coaching é o *rapport*, e nisso vemos claramente no filme, que nosso maior poder de conexão está na vulnerabilidade bem compreendida, tal como bem pontua José Roberto Marques (2016):

Rapport é um conceito originário da psicologia que remete à técnica de criar uma ligação de empatia com outra pessoa. O termo vem do francês *rapporter*, cujo significado remete à sincronização que permite estabelecer uma relação harmônica. A técnica objetiva gerar confiança no processo de comunicação para que a pessoa fique mais aberta e receptiva durante a terapia. Isso faz com que ela interaja, troque e receba informações com mais facilidade.

¹ No Coaching, temos o coach e o coachee, enquanto na Filosofia Clínica temos o filósofo clínico e o partilhante.

² Submodos são as ferramentas próprias da Filosofia Clínica.

³ Na Filosofia Clínica, a informação dirigida é um dos tópicos do submodo. Trata-se de uma ferramenta utilizada para a inserção de dados de modo a resolver uma questão, e ajuda muito a pessoa quando diretamente adequada à representação de mundo dela, por isso indique o que fizer sentido para ela: livros, música, poesia, filme, teatro, pintura, etc. O filme, no caso, é uma das formas de se provocar a catarse e trazer clareza e reflexão sobre os assuntos imediatos e últimos que está sendo trabalhado no mundo das ideias complexas. No Coaching dá-se o nome de cine-Coaching, e a função é a mesma que na Filosofia Clínica.



O Coaching se apropria da técnica de *rapport* para criar a sinergia necessária com o cliente e torná-lo mais receptivo durante as sessões. Esse método gera três comportamentos fundamentais nos envolvidos: coordenação, positividade e atenção mútuas. Ele constrói laços de compreensão e estabelece um diálogo em que todas as opiniões são consideradas e os pontos de vista e valores correspondidos e respeitados. *Não há como forçar o rapport. Ele exige uma demonstração de sincero interesse pela opinião e pensamentos do outro. Bons coaches sabem estabelecer naturalmente essa ligação de respeito e confiança com outras pessoas sem que essa atitude pareça conscientemente forçada.* (grifo meu)

Tal situação foi especialmente pontuada no filme, quando Dr. Breuer afirma ao amigo Freud que nutre a esperança de que ao ajudar Nietzsche a superar sua dor, possa superar a sua própria. E é isso o que realmente ocorre. Vejamos, que na Filosofia Clínica são os princípios de verdade em comum que possibilitam uma boa interseção. Vejamos as palavras de Lúcio Packter (1963) para melhor compreensão do que seria essa proximidade com o *rapport* no conceito da Filosofia Clínica:

Exemplificando, a relação filósofo-partilhante é uma relação essencialmente de amizade. Cabe ao filósofo ter os cuidados de somente aceitar como partilhante alguém que em sua existência ocuparia de certo modo um tal lugar, reservado à amizade.

Para tanto, existe a entrevista inicial, uma vez que o filósofo não pode determinar tal aceite *a priori*, na acepção dada por Kant, na segunda parte da Crítica da Razão Pura, na Lógica Transcendental, quando mostra que a intuição traz apenas o modo como somos afetados pelo objeto; já o entendimento é a nossa capacidade de pensar esse objeto da intuição sensível. “O entendimento nada pode intuir e os sentidos nada podem pensar. Só pela reunião se tem conhecimento”, afirma Kant. (Kant, 1980)

Assim, a empatia torna-se determinante.

(...)

No intuito de dividir uma realidade que se lhes apresenta, nada se sabe sobre algum retorno do filósofo junto aos seus partilhantes e nem se esses o farão por outros meios. Os partilhantes podem efetuar várias transmutações: em um grau adiantado dos trabalhos às vezes é difícil divisar quem é o filósofo e quem são os partilhantes. Assim, sendo também um processo de identificação, e considerando que observamos sempre a partir de um ponto de vista que determina as possibilidades do que podemos conhecer, segundo Karl Popper, torna-se notório que durante tal processo associativo haja um câmbio de concepções, problemas e pontos de vista entre o filósofo e os partilhantes.



Voltemos às narrativas desse belo filme: Dr. Breuer recebe uma carta para o encontro com uma misteriosa moça, Lou Salomé, a qual soubera do referido médico, por meio de seu irmão, que fora estudante de medicina e participou de uma aula em que Breuer disse ter descoberto uma nova cura, “a cura pela fala”. Assim foi que Nietzsche lhe foi apresentado, por meio de uma terceira pessoa, ou seja, um paciente que num primeiro momento seria para tratar das suas fortes dores de cabeça, mas cuja intenção última, era a de curá-lo do mais profundo desespero.

Breuer é um homem honrado, porém ficou impressionado com a forma como fora interpelado pela senhorita Lou Salomé.

Lou Salomé disse ao Dr. Breuer que se apaixonou pelo intelecto de Nietzsche e queria com ele aprender, porém foi mal interpretada, pois Nietzsche lhe propôs casamento, ao que ela prontamente recusou. Disse que a partir desse evento, Nietzsche transformou seu amor por ela em ódio, mostrou a ele as cartas ultrajantes que lhe escreveu e que disse ela que Nietzsche depois falava em suicídio.

Dr. Breuer acaba aceitando o desafio e confia ao seu amigo Freud todo o ocorrido.

Quando Nietzsche chega consultório de Dr. Breuer, este faz os exames clínicos e na conversa inicial tenta extrair tudo que pode acerca das crises de enxaqueca, que no seu entendimento poderia ter relação com a melancolia. Porém, Nietzsche se mostra bastante impermeável à abordagem médica e diz que melancolia é algo muito próprio de sua natureza e que inclusive estaria “grávido” – mostra a cabeça – de uma nova ideia sobre um livro que estava para nascer (o livro era *Assim Falou Zaratustra*, publicado em 1891). Discorre a respeito de Zaratustra, dizendo que as pessoas não compreendem o que o profeta dizia e, percebendo que veio antes do tempo, se recolhe em sua solidão. Por conseguinte, Nietzsche se iguala a Zaratustra ao mencionar que também veio cedo demais.

O médico disse-lhe que o bem-estar físico não pode estar separado do bem-estar social e psicológico, desta forma questiona Nietzsche se havia alguma mulher na vida dele, ao que lhe respondeu que sempre que tentou construir uma ponte para os outros foi traído, primeiro foi o compositor Richard Wagner, que sofreu por causa dele; depois foi o melhor amigo dessa mulher que ele não quis dizer o nome, mas referia-se a Salomé. O médico assim, pediu que ele falasse mais a respeito dela porque estaria ligada à doença, Nietzsche, no entanto, se recusou.

Por sua vez, Dr. Breuer, que constantemente tinha pesadelos que envolvia cenas ilusórias de relacionamento com uma ex-paciente, também se encontrava perturbado, e isso o incomodava muito, pois era casado e perdia noites de sono entremeado a pesadelos. Nessa ocasião, começou a achar muito interesse o que o professor havia escrito em seus livros.



Nietzsche era um filólogo⁴, e sua escrita seguia uma mestria própria de sua expertise, o que causou encantamento no doutor ao analisar a forma como ele escrevia em seus livros, a forma como ele interpretava e a colocação das palavras na frase, dizendo em poucas frases o que outros precisavam de um livro inteiro para dizer.

Numa próxima consulta, Dr. Breuer lhe diz que quanto às enxaquecas a causa principal talvez estivesse no estresse decorrente do trabalho, da família ou de suas relações pessoais, ao que Nietzsche diz que deixou de lecionar, não tem casa pra cuidar, não tem esposa com a qual discutir e nem filhos para educar, não tem obrigações para com ninguém, portanto não sofre do estresse. O médico lhe diz que isolamento extremo também provoca estresse, mas Nietzsche aponta um contra-argumento ao questionar se os grandes pensadores não selecionam sua própria companhia, sem ser perturbado pelo público.

O médico diz que estresse é o nosso inimigo maior e que a sua tarefa é ajudá-lo a reduzir tal sintoma. Nietzsche, um homem muito inteligente, desconfia da gratuidade do serviço, disse que a motivação é muito mais complexa. Daí Dr. Breuer lhe faz uma proposta: cuidaria do corpo de Nietzsche, enquanto este teria para com o doutor os cuidados da mente. Disse-lhe que seus livros eram verdadeiros tratados sobre desespero, porém Nietzsche fala que não sabe curar o desespero, apenas suportá-los. Neste momento, vemos como as histórias de ambos se conectam.

Breuer se permite fluir na troca dos papéis, em que Nietzsche utilizará sua capacidade de filólogo/filósofo para curar seu desespero, enquanto o doutor, embora tenha tido um *insight* sobre a cura pela fala, teoria que ainda era muito embrionária, iria desta forma submeter sua terapia ao experimento próprio, pois também vivia a sua própria vulnerabilidade, desta feita encontrou uma saída para a necessária aproximação e ao mesmo tempo a esperança de cura para ambos.

Uma fala interessante é a de Breuer a Freud ao encontrarem a explicação para o que eles tanto buscavam, isto é, a integração do consciente com o inconsciente. Outra passagem muito interessante é aquela em que Freud diz ao Dr. Breuer que já leu os livros de Nietzsche e afirma que estamos diante de alguém que conhece a humanidade mais a fundo do que qualquer um e ousa falar que talvez estivessem diante do maior psicólogo de todos, e o melhor modo de ajudá-lo seria realmente deixá-lo ajudar o médico.

Nietzsche aceitou o convite para ficar internado na clínica de Dr. Breuer para facilitar o seu tratamento e ao mesmo tempo dar chance a essa troca de papéis entre médico e terapeuta. Numa dessas oportunidades, chegaram a uma questão acerca das metas alcançadas pelo Dr. Breuer, neste ponto Nietzsche pergunta mais a respeito desse conceito⁵, ao qual o médico lhe diz que alcançou todas as metas, mas que não estava contente com elas.

⁴ Conceito disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Filologia>>. Acesso em: 28/03/2017.

⁵ Para a Filosofia Clínica, este movimento é denominado “enraizamentos”, que é a forma de buscar conhecer o termo mais próximo da linguagem do outro, conforme Lima e Silva (2015): “são caminhos epistemológicos de conhecimento específico, investigando-se termos e fatos que, nas divisões, demonstram ser bastante pertinentes ao assunto último da



Foi aí que Nietzsche perguntou como ele escolheu suas metas e lhe disse: não pense para responder, deixe fluir. Dr. Breuer lhe disse que metas são partes da sua cultura, estão no ar, respirou isso, como todo garoto judeu, desejou ser bem-sucedido, seu pai foi seu grande professor (ele lembra então daquele momento entre o pai e ele, em que jogavam xadrez e o pai dizia: “não, Joseph, não vou incentivar maus costumes”). Diz que nunca escolheu metas, elas eram como acidente.

Grande resposta filosófica de Nietzsche ao sintetizar a fala do Dr. Breuer: “não se apropriar das metas é exatamente isso, deixar que sua vida seja um acidente”.

Numa outra ocasião, Dr. Breuer diz que estudar filosofia e usá-la no mundo real são duas tarefas bem diversas, a isso Nietzsche bem responde que, se deseja algo que lhe alivie então vá ao seio da superstição, não recorra a razão. Faz colocações ao Dr. Breuer no sentido de tirá-lo do mundo de desculpas.

Nos diálogos entre os dois, eles excursionavam pelo mundo do consciente e do inconsciente, e num determinado momento em que questionavam seus sonhos, ambos lembraram das imagens que vinham à tona ligados à mãe do Dr. Breuer e dos sonhos de Nietzsche ligados ao seu pai, ambos no caixão, como a reviver o trauma da morte de entes queridos.

É neste momento que Nietzsche reflete muito bem junto ao médico, o mesmo medo que está nos sonhos de ambos, o medo da morte, para preferir a deslumbrante frase: “A morte só não é aterrorizante quando a vida se consumou. Ou se aproveita a vida ou deixamos ser levados por ela, sofrendo por uma vida que nunca foi vivida”.

Pois bem, podemos perceber de tudo até aqui, que realmente esse filme traz uma brilhante ponte de diálogo entre a Filosofia Clínica e o Coaching, mostrando a um retrato das estruturas do pensamento num movimento de cocriação.

Conclusão

Ao longo de milênios, gerações após gerações, tivemos enormes contribuições de seres que vieram cada qual com sua missão particular, nas filosofias e nas ciências de todas as épocas. Nomes honrados que dedicaram a própria vida em defesa de suas teorias em favor da humanidade. Algumas confrontaram radicalmente valores de época, mais ou

clínica. Isso também permite ao filósofo estabelecer as relações lógicas, sintáticas e semânticas do discurso. Entretanto, também servem para superar dificuldades da narração, quando o partilhante se torna lacônico, aparenta dificuldade em se lembrar da própria história ou se demora em repetições quaisquer. Normalmente são feitos após os dados divisórios, mas também podem ser feitos paralelamente, em casos que exigem maturidade clínica suficientes para se evitarem rumos distantes do processo terapêutico.”



menos arraigados, porém, não podemos, desta feita, infantilmente concordar ou discordar de algo sem ao menos termos estudado tal e qual teoria.

Ao convidar para um olhar sistêmico, integrativo, vemos que fica totalmente incongruente e sem sentido as linhas divisórias entre o certo e errado, o muro dos incomunicáveis, pois se somos duais, mente consciente e mente inconsciente, *Self 1 e Self 2*, como bem explica Marques (2015), e nos arvoramos em querer um mundo melhor, inicialmente fazemos em nós a mudança que queremos ver no mundo. Sem esse novo olhar, seria o mesmo que concordar com a zona de conforto que nos mantém numa bolha de separação em que não vemos que o ser humano é pura luz.

No caso deste artigo, a proposta de aproximação de duas teorias atuais procurou trazer uma pequena amostra do quanto podem se auxiliar e trazer aos profissionais uma bagagem de conhecimento e experiência capaz de potencializar o desenvolvimento em suas respectivas áreas de atuação.

Neste sentido, o filme *Quando Nietzsche Chorou*, veio nos brindar com o diálogo não só entre Coaching e a filosofia propriamente dita, bem como a atual Filosofia Clínica, mas também em relação à psicologia, à psicanálise e às demais áreas afins.

Que este material possa levar aos leitores um pouco de minha essência para contribuir com parte dos conhecimentos que deram início a um novo ciclo de estudos na minha vida.

Referências bibliográficas

BOSCATTO, E. Lou Salomé a grande paixão de Nietzsche. *Portal Homo Literatus*. 2014. Disponível em <<http://homoliteratus.com/lou-salome-a-grande-paixao-de-nietzsche/>>, Acesso em 28/03/2017.

HUISMANN, D. Dicionário dos Filósofos. Nietzsche. Ed. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

Instituto Brasileiro de Coaching – IBC. PROFESSIONAL & SELF COACHING. Versão 51. (Apostila de Curso)

LIMA, J. G. O. L.; Silva, M. J. A. S. *Apostila Estrutura do Pensamento*. Instituto Campinas, 2015.

_____. *Apostila Introdução à Filosofia Clínica*. Instituto Campinas, 2015.

MARQUES, J. R. A abordagem eriksoniana e o processo de Coaching. *Blog JRM Coaching*. 2015. Disponível em: <<http://www.jrmcoaching.com.br/blog/a-abordagem-ericksoniana-e-o-processo-de-coaching>>. Acesso em: 29/03/2017

_____. O que é Coaching. Portal IBC. S/D. Disponível em: <<http://www.ibccoaching.com.br/portal/coaching/o-que-e-coaching/>>. Acesso em: 29/03/2017.



_____. O que é *rapport*. *Portal IBC*. 2016. Disponível em <<http://www.ibccoaching.com.br/portal/coaching-e-psicologia/o-que-e-rapport>>. Acesso em: 29/03/2017.

_____. *Os 7 Níveis da Teoria do Processo Evolutivo– Guia Revolucionário de Autoconhecimento e Empoderamento*”. EDITORA IBC: GOIÂNIA, 2015.

NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Edição Comentada em E-book. *Tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes*. L&PM POCKET.

PACKTER, L. *Filosofia Clínica: Uma Introdução à Psicoterapia Filosófica* (revista e ampliada). Instituto Packter: 1963, p.15-16.

Quando Nietzsche Chorou (When Nietzsche Wept). Direção de Pinchas Perry. EUA: Imdb, 2007. (105 min.), color.

TEIXEIRA, J. F. *Filosofia pra quê?* Texto publicado na *Revista Filosofia, Ciência & Vida*, nº 100, São Paulo, Ed, Escala. 2014.

WIKIPEDIA. O caso de Ana O. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Josef_Breuer>. Acesso em 28/03/2017.

MIDIATECA

BAUMAN, Z. Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>>. Acesso em 29 mar 2017.

KARNAL, L. O mundo que nos formou está obsoleto? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_kwmRxfX6Hg>. Acesso em 29 mar 2017.

_____. Zygmunt Bauman: Mundo Líquido”. Palestra realizada em 05/08/2015 no IV Encontro Institucional da Magistratura Trabalhista da 5ª. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zKPvRuuLf1U>> Acesso em: 29 mar 2017.

TEIXEIRA, J. F. Palestra Filosofia da Mente – Universidade do Minho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=boyqQ-dkRsw>>. Acesso em: 28/03/2017.